

LITERATURA EM SERRA LEOA NOS SÉCULOS XX E XXI: Entrevista com Elizabeth L.A. Kamara

Rafael Barbosa de Jesus Santana¹

KAMARA, Elizabeth Lucy Alberta. *Elizabeth L. A. Kamara: entrevista* [dez. 2024]. Entrevistador: Rafael Barbosa de Jesus Santana. Freetown, 2024.

A ideia da realização da presente entrevista surgiu enquanto eu escrevia minha tese de doutorado. Nessa produção, que tinha o objetivo de identificar os impactos psicológicos, materiais e simbólicos da guerra civil em Serra Leoa¹ (1991-2002) nas infâncias, a principal fonte de pesquisa eram três autobiografias e um romance. Logo uma problemática surgiu: a escassa produção acadêmica em língua portuguesa sobre a literatura daquele país, a partir de um ponto de vista teórico/analítico. Destarte, falar sobre literatura serra-leonense tinha que passar, necessariamente, pelas escritas acadêmicas de língua inglesa, que também não são tão abundantes.

Eis que surgiu uma grande oportunidade para a realização de uma mobilidade acadêmica na *University of Sierra Leone/Fourah Bay College* em Serra Leoa, durante novembro e dezembro de 2024, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS). Entre inúmeras atividades de pesquisa realizadas na cidade de Freetown, capital de Serra Leoa, em 12 de dezembro de 2024, a professora Elizabeth Lucy Alberta Kamara me recebeu com muita alegria e disposição nas instalações da *Faculty of Arts* da *University of Sierra Leone* para a realização de uma entrevista com a temática: Literatura em Serra Leoa.

Kamara é pesquisadora Graduada em Língua e Literatura Inglesa e Mestre em Artes, ambos os títulos obtidos pela *University of Sierra Leone*. Atualmente, leciona disciplinas relacionadas aos principais gêneros da literatura de língua inglesa no Departamento de Estudos da Linguagem da *Fourah Bay College (FBC)*. Autora dos poemas *Distilled* (2019), *To Cross for a Daughter* (2020) e *Stolen Laughter* (2022), alguns traduzidos para o espanhol e o grego, Kamara é amante da literatura. Por isso, busca apoiar e divulgar a produção de outros(as) escritores(as) da sua nação, inclusive através do Clube de Leitura de Poesia da FBC, fundada por ela.

Entre suas principais publicações acadêmicas é válido ressaltar aquela que Kamara conversa com o serra-leonense Eldred Jones, intitulada *An Intellectual Compass: An interview with Professor Eldred Jones*. Essa publicação não é importante

¹ Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: rafael.santana.001@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5563-3081>. Pesquisa realizada com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

apenas pelo fato de Eldred Durosimi Jones ter sido “o primeiro professor africano de inglês, ao sul do Saara” (KAMARA, 2013, p. 01, tradução minha) ou pelas suas contribuições para o desenvolvimento da *University of Sierra Leone* e, consequentemente, para o desenvolvimento intelectual, educacional e acadêmico em Serra Leoa, mas também pelos tensionamentos e questionamentos que Kamara elabora ao tratar sobre a literatura nacional.

São alvos de problematizações as línguas utilizadas na produção e promoção da literatura em Serra Leoa, a recorrência à temática da guerra civil nos escritos do século XXI, a falta de reconhecimento literário, a relativa decadênciada literatura nacional se comparada com produções de outros países africanos, entre outras questões. Essas problemáticas permitem conhecermos mais sobre a literatura em Serra Leoa, assim como dialoga com a entrevista que conduzi com Kamara, de certa forma, atualizando suas próprias questões realizadas em 2013 e adicionando e complexificando outras indagações. A entrevista foi realizada em inglês, com gravação em áudio, mas a versão aqui divulgada está traduzida para o português.

Santana: Muito obrigado por aceitar participar desta entrevista. Bem... antes de tudo: Qual é o papel da literatura na sociedade?

Kamara: A literatura desempenha um papel muito importante na sociedade. Na verdade, há uma ligação entre a sociedade e a literatura, porque a maior parte da literatura que escrevemos nasce das coisas que acontecem em nossa sociedade. Vou fazer uma referência à guerra civil sobre a qual você está escrevendo agora. Muitas pessoas, muitos jovens ou crianças nesta sociedade mal sabem sobre a guerra civil, porque não estavam aqui quando aconteceu, mas agora sabem sobre ela por causa da literatura, porque nossos escritores, nossos poetas, nossos dramaturgos, nossos romancistas capturaram as coisas que aconteceram naquela época e as colocaram em seus livros para que aqueles que vierem depois deles possam aprender com elas. Aqueles que vierem depois podem aprender as lições que estão lá, aprender sobre as coisas boas que acontecem na sociedade e igualmente ser avisados contra a repetição das coisas negativas. Ela também nos influencia. Como todos sabemos, você pode ler uma obra literária que mudará sua mentalidade. Pode até mudar sua vida inteira, porque lhe ensinará sobre o comportamento correto e as coisas que você não deve fazer. Ela influencia a sociedade.

Santana: Nas minhas entrevistas com pessoas aqui em Freetown, percebi que a nova geração não sabe nada ou sabe muito pouco sobre a guerra civil.

Kamara: O que você disse é bem verdade. Alguns deles não sabem sobre a guerra, porque, como dissemos, eles não estavam aqui durante a guerra e muitos nem querem ler. Muitos deles só querem ler ou assistir coisas nas redes sociais, especialmente *TikTok* ou *Facebook*. Eles estão principalmente interessados em coisas que duram apenas dois ou três minutos... esse tipo de coisa. Então, muitos deles não sabem sobre a guerra. Para aqueles que leem, literatura e livros de história são as principais fontes sobre a guerra civil. Claro, alguns pais também contam aos filhos sobre a guerra em Serra Leoa. Essa também é outra fonte, embora eu não saiba se muitos pais o fazem.

Santana: Gostaria de saber também qual é a relação entre a população comum de Serra Leoa e a literatura. O que Ishmael Beah, o maior nome da literatura serra-leonesa para o Ocidente sugere, é que a população está muito distante da expressão literária. Isso é verdade para você?

Kamara: Se por literatura queremos dizer apenas as palavras escritas, eu diria que sim. Mas se olharmos para a literatura como abrangendo a literatura oral, eu diria que não. Porque, embora muitas pessoas estejam de alguma forma distantes da palavra escrita da literatura, elas participam muito da literatura oral. Porque, para um gênero como contos populares, você não precisa ser educado para contar um conto popular ou ouvir um conto sendo narrado e entendê-lo. E você não precisa ser educado para contar provérbios ou enigmas e outros gêneros de literatura oral. Temos muitas pessoas que não sei se podem ser classificadas como pessoas comuns, mas temos muitas pessoas envolvidas com uma forma de literatura ou outra. Agora mesmo, além da literatura ser escrita em livros na forma de poemas, histórias e peças, temos muitas pessoas recitando literatura online ou apresentando-a para uma audiência ao vivo. Quando temos festas, aniversários, casamentos e outros eventos, sempre há espaço para alguma forma de expressão, ou alguma forma de palavra falada, porque agora há muitas performances da palavra falada. Então, em certo sentido, pessoalmente, sim, as pessoas comuns estão muito distantes da literatura. Mas, novamente, em outro sentido, não exatamente, porque a literatura abrange muitos aspectos que darão espaço para outros que são educados ou não.

Santana: Que bom ouvir de você isso, porque conheci um homem em Lumley Beach [uma das praias mais conhecidas de Freetown] que produz poesia, mesmo sendo um sem-teto. Mesmo nessa situação, ele produz sua própria literatura.

Kamara: Ah, sim. Na verdade, um homem que gosta de recitar poesia costumava vir a *Regent*, onde eu moro. Assim que você o vê, você pensa que ele é ignorante e não tem conhecimento de poesia. Mas, ele estava fazendo literatura. Ele costumava responder

com versos poéticos, sempre que lhe perguntavam algo. Seus versos rimam e incluem aliteração, repetição, hipérbole, símile e metáfora. Havia outra pessoa vendendo iogurtes no *Model Junction*. Quando ele estava vendendo – você sabe que quando você vende, você tem que usar algo que atraia os clientes – ele costumava dizer: “*I got, you got, me got, yogurts*”. Então, no que me diz respeito, essa é uma forma de literatura. E quando temos competições esportivas, a literatura nasce espontaneamente. Talvez alguém caia, a pessoa que foi a última a correr vence a pessoa que caiu e chega primeiro à linha de chegada. Quando você percebe, uma nova música irrompe espontaneamente e a literatura nasce. Então, há literatura ao nosso redor.

Santana: Em termos da literatura escrita, os escritores são geralmente classificados por gerações. Quais são as gerações de escrita literária em Serra Leoa?

Kamara: Em Serra Leoa, Adelaide Caseley-Hayford, Gladys Caseley-Hayford, Crispin George e Jacob Stanley Davies pertencem à primeira geração de literatas. Esses escritores, principalmente poetas, começaram a escrever antes da década de 1950 e são os pioneiros da literatura serra-leonesa. Robert Wellesley Cole, Delphine King, Raymond Sarif Easmon, Abioseh Nicol e William Conton pertencem à segunda geração de escritores serra-leoneses. Esses escritores, geralmente, exibiram sua identidade africana (especialmente serra-leonesa) e demonstraram que os africanos têm uma cultura rica e vibrante. Entre os escritores da terceira geração estão Yulissa Amadu Maddy, Syl-Cheney-Coker, Yema Lucilda Hunter, Lemuel Johnson e Gaston Bart-Williams. Esta geração de escritores é composta, principalmente, por dramaturgos, poetas e romancistas. Alguns deles escreveram sobre sua desilusão com o *status quo*, enquanto outros escreveram obras que refletiam a dura realidade da vida. A geração atual de escritores inclui Aminata Forna, Namina Forna, Oumar Farouk Sesay, Ishmael Beah, Mohamed Sheriff, Pede Hollist, J. Sorie Conteh, Paul Conton, Osman Sankoh, Elizabeth L.A. Kamara e muitos outros. A lista da geração atual é muito maior do que isso. Muitos deles escrevem sobre a guerra civil de Serra Leoa, a posição das mulheres, corrupção, política e a batalha dos sexos. Muitas pessoas estão escrevendo literatura (contos, romances, poesia, infantil e peças de teatro), agora mais do que nunca, em grande parte porque agora temos duas editoras locais, a Sierra Leonean Writers Series (SLWS) e a Pampana Publications (a SLWS publica livros em todos os gêneros, enquanto a Pampana Publications se concentra mais na literatura infantil). Mas também no passado, nos anos oitenta e no início dos anos noventa, houve uma proliferação de peças de teatro, embora naquela época a maioria dos que as escreveram não as publicassem. Cerca de dois anos atrás, um dos nossos melhores poetas e romancistas,

Oumar Farouk Sesay, escreveu uma peça, intitulada *The Throne*, que foi encenada no *City Council Hall*, em Freetown. Esta peça trouxe o teatro de volta ao palco, após um hiato de cerca de vinte anos. Então, neste exato momento, temos muitos escritores e eles atravessam idade, status e sexo. Também temos muitas antologias de poesia, contos e literatura infantil sendo escritas e publicadas por escritores iniciantes e talentosos.

Santana: Sabe-se que as agendas dos escritores mudam ao longo do tempo, ou seja, com as gerações. Quais seriam as principais agendas dos escritores serra-leoneses hoje?

ELAK: Bem, eu não acho que coletivamente nós tenhamos uma agenda, mas a maioria das pessoas, a maioria de nós escreve pelo desejo de mostrar às pessoas as coisas que estão erradas com a sociedade. Nós também escrevemos para mostrar às pessoas as coisas que acontecem em nossa sociedade. A maioria de nós escreve com o desejo de mudar ou influenciar a sociedade, para mudar a mentalidade das pessoas. Por exemplo, *Landscape of Memories* de Oumar Farouk Sesay, é um livro muito fascinante sobre a guerra civil e nunca mais permaneceremos os mesmos depois de lê-lo. Quando as pessoas leem as obras de Oumar Farouk Sesay, Ishmael Beah, M'Bha Kamara, elas aprenderão muito sobre a Serra Leoa e saberão o que costumava acontecer em nosso país durante a guerra civil. Isso ajudará os leitores a serem conscientes sobre as coisas que fazem. Então, as pessoas escrevem suas obras para impactar ou beneficiar a sociedade. Geralmente, essas são as principais razões pelas quais as pessoas escrevem. Outros podem ter suas próprias agendas pessoais. E muitas pessoas também escrevem para inspirar outras. É isso que os escritores de autobiografias/memórias fazem. Eles motivam os outros, mostrando a eles onde tudo começou e o que aconteceu com eles. Então, não tenho certeza se há uma agenda específica, mas sei que as pessoas escrevem por desejo de fazer suas vozes serem ouvidas, mudar a narrativa, se tornarem visíveis e, mais importante, impactar a sociedade e mudar mentalidades.

Santana: Quais são os maiores obstáculos ao desenvolvimento da literatura em Serra Leoa hoje?

Kamara: Um dos maiores obstáculos ao desenvolvimento da literatura em Serra Leoa hoje é que as pessoas não têm muitos lugares onde possam publicar seus trabalhos. Se você quer ser um escritor em Serra Leoa, é como se você tivesse que fazer isso sozinho. Em certos países, alguns escritores são apoiados para fazer seu trabalho. Alguns têm oportunidades de financiamento ou até mesmo residências onde os escritores são financiados para tirar três ou seis meses de folga para fazer seu trabalho em um ambiente pacífico. Mas aqui temos que lidar com a vida cotidiana, enquanto escrevemos literatura ao mesmo tempo. Outro obstáculo é a situação econômica. Muitas pessoas

preferem comprar comida em vez de livros. Então, como escritor, quando você escreve, você pensa que sua escrita não é apreciada, porque seus livros permanecerão praticamente sem serem vendidos. Somos gratos ao Prof. Ousman Sankoh, o editor da SLWS, e Mohamed Sheriff, editor da Pampana Communications, por nos salvar do estrangulamento da invisibilidade. Pelo menos agora muitos de nós temos um canal onde podemos publicar nossos livros e fazer nossas vozes serem ouvidas. No entanto, por causa da situação econômica, dificilmente produzimos livros que sejam acessíveis. Da mesma forma, embora a mídia social ajude a promover a literatura, infelizmente também é uma ameaça ao desenvolvimento da literatura. Porque, muitos de nossos alunos preferem ler coisas que levarão apenas 5, 10 ou 30 minutos de leitura, do que ler livros (volumosos). Esses estão entre os principais obstáculos ao desenvolvimento da literatura.

Santana: Interessante, pois em entrevista com Ishmael Beah, eu até fiz a seguinte pergunta: para desenvolver a literatura em Serra Leoa, não é necessário fornecer às pessoas as condições mínimas de vida primeiro? Afinal, a vida das pessoas é mais importante do que a literatura.

Kamara: Sim, na Serra Leoa que queremos ver, será melhor para as pessoas receberem as condições mínimas de vida primeiro. E sim, a vida das pessoas é mais importante do que a literatura. Mas, ao mesmo tempo, a literatura ajuda a melhorar a qualidade de nossas vidas e faz com que a vida valha a pena ser vivida. Sob essa luz, não se pode dizer que a vida das pessoas seja mais importante do que a literatura, porque literatura é vida. Dito isso, vale a pena notar que as coisas são tão caras que alguns pensarão que é um sacrifício muito grande buscar literatura e comprar livros, em vez de cuidar do pão de cada dia. Então, enquanto em alguns outros países ou no mundo ocidental, se você tem 30 alunos em uma classe, isso pode significar que você terá 30 livros didáticos para uma determinada disciplina. Em nossa própria situação, exceto onde os livros são dados gratuitamente aos alunos por causa da educação gratuita de qualidade, você pode ter 30 alunos com apenas cinco livros ou até mesmo apenas um livro. Os proprietários, geralmente, leem os livros e os passam para quem estiver interessado em lê-los. E, dessa forma, os livros passam de pessoa para pessoa. Alguns podem nem querer ler o livro. Então, se você é um escritor e espera que as pessoas comprem seus livros, a venda de livros será lenta, porque as pessoas simplesmente não têm dinheiro. Veja bem, elas acreditam que devem conservar o pouco dinheiro que têm para se alimentar. Então, embora tenhamos percorrido um longo caminho, é realmente difícil para a literatura se desenvolver em nosso país.

Santana: Se você pudesse recomendar cinco romances de Serra Leoa para os pesquisadores do Brasil, quais você recomendaria?

Kamara: Mencionamos que você já tem Beah na sua lista. Eu recomendo *Landscape of Memories* de Oumar Farouk Sesay, *The Gilded Ones* de Namina Forna, *So the Path Does Not Die* de Pede Hollist e *The Last Harmattan of Alusine Dunbar* de Syl Cheney-Coker. Então, eu gostaria de recomendar algumas peças e poemas que você também deveria considerar estudar no Brasil. Você pode dar uma olhada nas peças de Mohamed Sheriff, especialmente *Not You Too*, *The Pool* de Tony French. *The Patroit* de Dr. Julius Spencer; M'Bha Kamara em *When Mosquitoes Come Marching In* e *The Throne* de Oumar Farouk Sesay. E para poesia, eu recomendo Syl Cheney-Coker, Oumar Farouk Sesay, Moses Kainwo, Delphine King e Elizabeth L. A. Kamara. Gosto mais de 400 Years of Servitude, de Farouk Sesay, do que de suas outras antologias de poesia, mas você pode procurá-las.

Santana: No Brasil, há um grande debate sobre a literatura que pode ser considerada “autenticamente africana” e a literatura exógena, que não corresponde à realidade da população local do continente. No caso de Serra Leoa, Ishmael Beah é visto por alguns pesquisadores como um autor exógeno, no máximo um escritor da diáspora serra-leonesa. Nessa perspectiva analítica, sua escrita buscara “agradar” leitores ocidentais e, portanto, suas produções não poderiam ser consideradas endógenas à Serra Leoa, uma vez que sua escrita não seria voltada para a população daquele país. O que você diria sobre esse debate acadêmico? Como você e o campo literário em Serra Leoa interpretam essa divisão?

Kamara: Esta é uma pergunta muito interessante. É preciso dizer que Ishmael Beah é um escritor da diáspora serra-leonesa, cujas obras se passam em Serra Leoa e que escreve sobre a experiência serra-leonesa. Seu premiado livro de memórias, *A Long Way Gone*, embora aclamado por muitos, também foi visto por alguns como falho em termos de precisão histórica. Embora sua escrita buscassem agradar os leitores ocidentais de certa maneira, isso não significa que suas obras não sejam destinadas aos serra-leoneses. Que pessoa precisaríamos para melhor escrever sobre a natureza, a crueldade e as ramificações da guerra civil daqui, se não uma daquelas que realmente tiveram uma experiência em primeira mão? *A Long Way Gone* de Beah tem um sabor serra-leonense distinto e se propõe a contar nossas histórias do ponto de vista de alguém que sentiu toda a força da guerra. Seu trabalho busca ajudar os serra-leoneses a se lembrarem do passado e aprenderem com ele, para que os erros daqueles dias sombrios nunca se repitam.

Referências

KAMARA, Elizabeth Lucy Alberta. An Intellectual Compass: An interview with Professor Eldred Jones. *Research in Sierra Leone Studies*, v. 1, n.1, p. 01-07, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/109139111/index.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2025.

Artigo recebido em 11/01/2025

Aceito para publicação em 12/08/2025

Editor(a) responsável: Guilherme Detoni

¹ País localizado na África ocidental, colonizado pelos britânicos, independentizado em abril de 1961 e que é marcado pelas decorrências de onze anos de guerra civil, evento que eclodiu, dentre outros fatores, pela massiva desigualdade social, e que ceifou a vida de homens, mulheres, jovens e crianças. Essa é uma temática frequente na literatura escrita daquele país.